

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Veja Class.: 30

Data: 19/03/75 Pg.: _____

Doença amazônica



MARCOS SANTILLI

Taylor: os índios em perigo

de surpresas. A mais recente delas foi a oncocercose, uma doença de pele transmitida pela picada dos abundantes e irrequietos piuns ou borrachudos.

Até agora, a oncocercose parecia confinada às mais miseráveis regiões da África — e a diminutos focos detectados na Venezuela, na Colômbia e no Peru, significativamente nas vizinhanças da fronteira brasileira. Diagnosticada na Amazônia, o Ministério da Saúde trata de se mobilizar contra a doença. A primeira providência foi marcar uma reunião para esta segunda-feira, dia 17, em Boa Vista, Roraima — ponto inicial de uma tarefa que, de imediato, não parece tão espinhosa assim.

A oncocercose, de fato, se manifesta habitualmente como acúmulo de diminutas larvas de "Onchocera volvulus" sob a pele, formando pequenos nódulos — sobretudo no couro cabeludo e no pescoço. O tratamento se resumiria, portanto, numa rápida e grosseira cirurgia que retirasse as microfílaras, sem maiores danos. A única agravante é que, em casos extremos, a moléstia pode atingir também os órgãos genitais, garantindo, dessa forma, sua imunidade contra a cirurgia, e os olhos, desencadeando um lento mas irreversível processo de cegueira.

Socorro tardio — Alguns dos índios inanomes, que vivem entre o Amazonas e Roraima (veja a página 47), parecem já ter atingido este perigoso nível de contágio. É o que teme Kenneth Taylor, antropólogo escocês formado nos Estados Unidos, atual professor da Universidade de Brasília e responsável pelo projeto Perimetral-Ianonames, um minucioso parecer para orientação e controle do contato entre civilizados e índios na região por onde se deitará a Perimetral Norte. Existe o perigo, segundo Taylor, de que o socorro a ser mobilizado e oferecido pelo Ministério da Saúde, com o apoio da Fundação Nacional do Índio, chegue tarde demais às aldeias.

Na verdade, a sorte dos 5 000 a 6 000 ianonames não parece ter lugar de destaque nos projetos oficiais. "Talvez não seja economicamente interessante erradicar a moléstia", lamenta Taylor, "pois a operação sairia caríssima." Aparentemente, o que de fato preocupa as autoridades é o fantasma de uma contaminação em massa dos operários e engenheiros — que já começam a se aproximar na vanguarda da nova estrada.

Além disso, foi exatamente em território ianoname, na serra dos Surucucus, que recentes prospecções oficiais revelaram apetitosas reservas de urânio — o que inevitavelmente atrairá para a região novas levadas de técnicos e exploradores.

Não seria mais possível, portanto, que o Ministério da Saúde continuasse adiando sua ofensiva contra um problema que alguns relatórios de organismos internacionais e de renomados especialistas já denunciavam há mais de três anos.